

Fenômenos sociais, familiares e psicopatológicos associados ao bullying escolar

Beatriz Oliveira Pereira, Lélío Lourenço, Marcel Vieira, Luciana Senra

(lu_senra@yahoo.com.br), Daniel Gomes & Francesca Stephan

Universidade do Minho, Portugal; Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Resumo: A violência e a violência familiar, assim como transtornos de ansiedade como a fobia/ansiedade social tem sido apontados como fenômenos que possuem algum tipo de associação seja pela semelhança nas características de manifestação, seja pelo impacto provocado nos âmbitos sociais e de saúde dos indivíduos envolvidos. No que concerne a violência e a violência familiar, vale salientar que os atos de omissão e negligência em detrimento do desenvolvimento pleno e da integridade física e psicológica de uma pessoa desencadeiam em sérios problemas de saúde e de relacionamento interpessoal. Dentre tais problemas podem ser observados transtornos fisiológicos, de humor e de ansiedade, bem como a utilização ou reprodução de condutas violentas e agressivas como estratégias de resolução de conflitos e de estabelecimento de vínculos sociais como o envolvimento em outras formas de violência, maus tratos e agressões contínuas, repetitivas e intencionais entre pares na escola (bullying), com vistas a causar, novamente, danos relacionais, físicos e psicológicos.

Palavras-chave: Fenômenos sociais e familiares; Transtornos psicopatológicos; Bullying.

Introdução

Fenômenos sociais e familiares e transtornos de ansiedade como a fobia/ansiedade social têm sido apontados como fenômenos e patologias que possuem algum tipo de associação seja pela semelhança nas características de manifestação, seja pelo impacto provocado nos âmbitos sociais e de saúde dos indivíduos envolvidos.

A respeito do fenômeno social da violência, para a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), a violência se converteu num problema de saúde pública em muitos países, pelo número de vítimas e pela magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil, em documento publicado oficialmente (Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/2001), intitulado "Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências", "consideram-se como violências, ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam danos físicos, emocionais e espirituais a si próprios e aos outros" (Brasil, 2001).

A violência e suas consequências negativas sobre a saúde são consideradas violação dos direitos humanos. São as crianças e os adolescentes, por estarem em processo de crescimento e desenvolvimento, os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade frente à violência, sendo maiores as repercussões sobre sua saúde. Foi na sociedade moderna que crianças e jovens se tornaram sujeitos de direito em vários países do mundo, e o Brasil participa dessa dinâmica social inclusiva que condena a

violência contra a infância e a juventude (Sanchez & Minayo, 2006). A escola e a família foram, por isso, diretamente implicadas tanto na prevenção dos prejuízos advindos para o sujeito e a sociedade como enquanto espaço de produção de violências. A escola é um dos contextos sociais especificamente voltados ao estímulo das habilidades intelectuais e sociais, assim como à aprendizagem de conhecimentos importantes produzidos pela sociedade. Ela tem, portanto, grande significado para as crianças como meio de socialização e é também um espaço privilegiado para a promoção da qualidade de vida, na perspectiva de construção de cidadania e de desenvolvimento das pessoas envolvidas neste universo. A escola deveria, portanto, caracterizar-se como referência para o aluno de um local seguro, prazeroso e no qual ele pode se conhecer e conhecer os outros com quem convive (Stelko-Pereira & Williams, 2010).

No entanto, a escola, enquanto espaço de socialização, é também reconhecida como local de violência (Brasil, 2005), contrapondo-se àquilo que seria esperado do contexto escolar como um espaço de socialização e proteção (Pereira, 2008). A temática da violência escolar tem sido alvo de uma preocupação crescente nas últimas duas décadas, quer por parte da sociedade em geral, quer, especificamente, por parte da comunidade escolar.

Gonçalves e Sposito (2002) e Stelko-Pereira & Williams (2012) salientam que a violência no âmbito escolar pode ser dividida em duas modalidades. A primeira se refere aos atos de vandalismo contra a escola, danificando o patrimônio escolar e os bens de funcionários. A segunda focaliza as agressões físicas e verbais entre os estudantes ou é direcionada aos professores e funcionários, e nesta modalidade se inclui o bullying, entendido uma das configurações da violência, é um fenómeno mundial que vem crescendo desde a década de 1970, principalmente na área do estudo epidemiológico e de programas de intervenção nas escolas, embora a percepção de sua ocorrência ainda seja considerada baixa pela sociedade e comunidade escolar.

Bullying é o termo mais utilizado na literatura científica internacional para descrever violência entre pares. *Bully* é um termo de origem inglesa que significa "valentão" (Almeida, Lisboa & Caurcel, 2009). A literatura específica optou por não traduzi-lo para a língua portuguesa devido à inexistência de um termo correspondente direto. Entende-se que traduções podem reduzir o significado, optando-se por usar o termo em

inglês para as publicações científicas, acompanhado de explicação detalhada acerca do mesmo (Binsfield, 2010).

Segundo Olweus (1991), um estudante é vítima do Bullying quando está exposto, repetidamente, e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos. Agredir, perseguir, ameaçar, ofender, forçar a dar dinheiro, gozar, xingar, intimidar, humilhar, discriminar, excluir um indivíduo do grupo, mentir, espalhar boatos ou assédio sexual são alguns exemplos de comportamentos de *bullying*, praticados entre os alunos (McGrath, 2007). Nessas condutas estão caracterizadas a intencionalidade de fazer mal e a persistência dos atos e os envolvidos são: o agressor, o agredido, o grupo dos colegas, a própria instituição e as famílias (Pereira, 2008; Lourenço, Pereira, Paiva & Gebara, 2009).

Smith e Sharp, (1994) apontam que o bullying, definido como um tipo específico de violência que ocorre sobretudo na escola, é descrito como um sistemático abuso de poder entre iguais; continuado ao longo do tempo; com a intenção clara de afligir, intimidar e agredir (material, física e psicologicamente) outra pessoa ou grupo no convívio permanente em locais coletivos. Ademais, o fenômeno tem se delineado como um grave problema social, educacional, de saúde pública e mental por atingir faixas etárias cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade (Olweus, 1993; Pereira, 2001; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Almeida, Lisboa & Caurcel, 2009; Pereira, 2008).

Diante do exposto, o presente trabalho, teve por objetivo discutir, descrever e explorar brevemente alguns fatores (familiares, sociais e psicopatológicos) associados ao bullying, os quais são apresentados em três seções: (I) a descrição da violência familiar ou doméstica enquanto fator de risco para o bullying; (II) uma pesquisa bibliométrica sobre a correlação entre bullying e fobia social na adolescência; e (III) a apresentação de uma pesquisa empírica sobre bullying em pacientes ansiosos.

I. A violência familiar/doméstica como fator de risco para a ocorrência de bullying

O fenômeno da violência afeta a população mundial causando prejuízos sociais e de saúde para indivíduos, famílias e comunidades, independente do nível cultural, social e econômico. No âmbito doméstico, a violência ocorre entre membros com vínculo afetivo, convivendo no mesmo ambiente. A natureza dos atos violentos pode ser física,

sexual, psicológica, patrimonial e financeira, de abuso e negligência. Esses atos envolvem condutas agressivas expressas entre pessoas em condições desiguais de poder, impossibilitadas de defesa ou de reversão da situação de violência. As principais vítimas são crianças, adolescentes, mulheres e idosos (Krug et al, 2002).

Dentre os danos causados às crianças e adolescentes, Senra, Lourenço e Pereira (2011) destacam os problemas fisiológicos e psicológicos como transtornos de stress pós-traumático, depressão, ansiedade, isolamento e transtornos do sono e alimentares em 51.1% dos estudos sobre violência familiar ou doméstica e bullying. Além de tais problemas, os mesmos autores constataram também, em 24.4% das referidas pesquisas, problemas de conduta e sociais como agressividade, baixo desempenho académico, envolvimento em situações de bullying, violência escolar e delinquência juvenil.

Em estudos como os de Baldry (2003), Sani (2008), Bandura, Azzi e Polydoro (2008), Pinheiro e Williams (2009) e Barbosa, Santos, Rodrigues, Furtado e Brito (2011) as vítimas diretas ou indiretas do contexto de violência doméstica (aquelas apenas expostas às situações de violência na família) tendem a adotar e produzir o modelo agressivo e de conflitos dos padrões domésticos ou familiares nas relações interpessoais, ou como estratégia de resolução de conflitos interpessoais e com seus pares escolares, além de desencadear sérios desdobramentos para diferentes segmentos da sociedade em curto, médio e longo prazos.

II. Pesquisa Bibliométrica sobre Ansiedade Social e Bullying em Adolescentes: Comorbidade e prejuízos

Essa etapa do trabalho se propôs ao desenvolvimento de uma pesquisa bibliométrica sobre ansiedade social e bullying a fim de sinalizar o panorama da produção acerca da correlação existente entre a patologia e o fenómeno. Estudos demonstram que há uma correlação entre a vitimização no bullying e a relação com o surgimento da fobia social. Apesar dessa relação existente entre ambos, não se sabe ao certo qual surge primeiro e se há uma relação causal entre elas. Para tal proposta, foi realizada uma pesquisa de artigos científicos indexados em bases de dados de nível mundial para buscar trabalhos sobre a temática abordada. Pretendeu-se clarear qual é a relação existente entre a fobia/ansiedade social e o bullying e se essa relação é de fato presente ou apenas

produto de eventos que tem seu início nas fases iniciais do desenvolvimento dos indivíduos.

As bases de dados pesquisadas foram a Web of Science, devido a seu caráter multidisciplinar e multicêntrico, a Psycinfo que engloba artigos da área de Psicologia, a Pubmed responsável por trabalhos da área de saúde e a Dialnet por se tratar de uma base de dados que possui artigos em língua portuguesa e espanhola.

Os descritores utilizados na busca foram social anxiety disorder (transtorno de ansiedade social), bullying e adolescence (adolescência). Foram encontrados 36 artigos e após a aplicação dos critérios de exclusão restaram 20 trabalhos que atendiam à temática pesquisada. Após isso se procedeu a leitura destes artigos para identificação dos pontos de interesse e categorização dos mesmos.

Os artigos encontrados foram analisados e categorizados de acordo com a divisão mencionada anteriormente. Na categoria ano de publicação do artigo encontramos os seguintes resultados: em 2000, 2001, 2005, 2010 e 2012 encontrou-se apenas uma publicação, em 2006 foram dois trabalhos, em 2007, 2008 e 2009 achamos três artigos e em 2011 nos deparamos com quatro publicações que traziam em sua temática o tema bullying e fobia social.

Na categoria autores, procurou-se encontrar quais autores seriam mais produtivos no que diz respeito a temática pesquisada. Não foi encontrada nenhuma correspondência entre os artigos no que diz respeito aos autores, indicando que cada trabalho possui autores distintos. No que concerne ao periódico onde os artigos estão indexados a pesquisa encontrou apenas duas revistas que tinham mais do que uma publicação, que foram Journal of Anxiety Disorders e o Journal of Affective Disorders. Todos os outros trabalhos foram publicados em periódicos diferentes dos citados.

Na categoria discussão sobre a pesquisa encontramos diferentes temáticas acerca dos estudos sobre bullying e sobre fobia social. Dos 20 trabalhos encontrados, quatro estudos trabalhavam com a temática bullying e dentro destes trabalhos encontravam-se referências aos transtornos depressivos e de ansiedade, incluindo aí a fobia social. Um artigo se dedicou a demonstrar a eficácia de um programa anti-bullying, correlacionando com os sintomas ansiosos experimentados pelos adolescentes. Apesar do baixo número de trabalhos com temática específica dentro do bullying e da

ansiedade social, encontrou-se um grande número de trabalhos que correlacionavam os sintomas das duas patologias mostrando que há um ponto em comum entre elas.

Encontraram-se trabalhos que permeavam a noção de causalidade entre bullying e fobia social, porém em suas conclusões não conseguiam chegar a um resultado satisfatório e significativo. Alguns autores como Bond, Carlin, Thomas, Rubin e Patton (2001) e Kim, Leventhal, Koh, Hubbard e Boyce (2006) tiveram como hipóteses que o bullying pode auxiliar no desenvolvimento de sintomas ansiosos em adolescentes caracterizados como vítimas.

III. Bullying na Escola: Relatos retrospectivos de pacientes ansiosos sociais

O transtorno de ansiedade social (TAS) ou fobia social (FS) é definido como ansiedade clinicamente significativa provocada pela exposição a certos tipos de situações sociais ou de desempenho, frequentemente levando ao comportamento de esquiva (DSM-IV, 2005). Atualmente é reconhecido como um problema psiquiátrico crônico associado a um considerável comprometimento funcional, podendo ser incapacitante em suas formas mais graves (Barlow, 1999). Nardi (2000) diz que a Fobia social é caracterizada pelo medo excessivo diante de situações sociais e Barlow (1999) a descreve como um quadro patológico no qual uma pessoa teme a convivência social por estar preocupada em ser humilhada e constrangida. Para Terra, é um medo persistente de embaraço ou de avaliação negativa, durante interação social ou desempenho público (Terra, 2005).

Com uma prevalência ao longo da vida de cerca de 13% na população geral dos EUA, a fobia social é o mais prevalente dos transtornos de ansiedade e o terceiro transtorno de ocorrência mais frequente, após a depressão e o transtorno de ansiedade generalizada (TAG). Apesar desses dados, estudos epidemiológicos indicaram que menos de 5% das pessoas com transtorno de ansiedade social procuram tratamento para sua doença (Nutt&Ballenger, 2010).

Alguns sintomas somáticos como palpitações, sudorese, tremores, tensão muscular e desconforto gastrointestinal são comuns ao transtorno de ansiedade social e a outros transtornos de ansiedade. Na fobia social, esses sintomas somáticos são claramente relacionados a uma situação social ou de desempenho real, ou à recordação ou antecipação de tais situações.

Para Gauer, Zogbi, Beidel e Rodrigues (2006), a fobia social em crianças e adolescentes pode interferir no desenvolvimento normal da criança, levando ao comprometimento funcional associado à fobia social em adultos. Por outro lado, adultos que sofrem de Fobia Social relatam maior incidência de comportamentos-problema (brigar, fugir de casa, roubar), no entanto, estes comportamentos-problemas não têm sido reconhecidos como problemas secundários decorrentes de fobia social prévia, os quais frequentemente retroalimentam as dificuldades pessoais de inserção social e comprometem o percurso do desenvolvimento biográfico.

Os quadros teóricos e metodológicos das pesquisas sobre bullying e sobre fobia social são amplos e diversificados explicitando a consistência dos estudos realizados desses temas. Todavia tal não acontece no estudo da associação entre esses fenômenos, e então as interrelações entre as dimensões sociais e individuais carecem de maior visibilidade e discussão.

Algumas pesquisas relevantes têm apontado para a importante implicação do Bullying para a idade adulta. O estudo de Craig (1998) é considerado um dos principais sobre as implicações clínicas do Bullying. Neste estudo pesquisou-se a relação entre o Bullying ou vitimização e depressão e ansiedade social em crianças na escola elementar. Segundo o autor, a ansiedade social é particularmente relevante para a relação bully/vítima, dado o bullying ser uma forma de interação social, ainda que negativa. O autor apoia-se na hipótese de um ciclo negativo no desenvolvimento de vitimização repetida. Crianças com ansiedade tem maior risco de serem alvo de bullying, e uma vez tendo tido essa experiência, tem mais chances de desenvolver ansiedade social quando adultos. Em outras palavras, para a vítima, há uma relação cíclica negativa entre ansiedade e vitimização (Craig, 1998).

Existem poucos estudos que examinaram o impacto no longo prazo da Bullying na infância (Pelegrini e Bartini, 2000). Devido a escassez destes estudos longitudinais, os efeitos da experiência de bullying ainda não foram totalmente determinados. Na falta desses estudos, a avaliação retrospectiva pode ser um bom método de exploração das possíveis consequências da experiência de bullying na trajetória de vida de adultos.

O estudo retrospectivo envolve pedir aos participantes para lembrar-se de eventos e experiências passados. Nos desenhos retrospectivos, a percepção sobre os eventos de Bullying é o que se mostra mais importante em termos de compreensão do

funcionamento psicológico da pessoa. Mas segundo (McCabe et al., 2010), independente da precisão da recordação de vitimização, as avaliações subjetivas de vitimização e rejeição mostram, em seus estudos, sinais preditores de solidão, a ansiedade social, baixa auto-estima e depressão em seus estudos.

Estudando com profundidade a literatura específica sobre a relação entre *bullying* e ansiedade social, o seguinte problema apresentou-se como relevante: a experiência de Bullying está associada ao desenvolvimento de Ansiedade social\Fobia Social na idade adulta? Diante desta indagação, a hipótese desta pesquisa foi formulada considerando que adultos com Ansiedade Social\Fobia Social apresentam relatos significativos de experiências de Bullying na infância e/ou adolescência, e, a partir desta hipótese, os objetivos deste estudo foram traçados. O presente trabalho teve por objetivo analisar a relação que os participantes do estudo estabelecem entre as experiências de Bullying na infância e adolescência e os sintomas atuais (na vida adulta) de Ansiedade Social.

Metodologia

Participantes

A presente pesquisa foi realizada com os usuários do Programa de Transtornos de Ansiedade (PTA) do Departamento de Saúde Mental da Secretaria de Saúde da prefeitura Municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Foi realizada a pesquisa com aqueles que se encontravam em atendimento psicológico e tinham idade entre 18 e 45 anos. Após a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), os participantes foram submetidos a Escala Liebowitz para Ansiedade Social e ao Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) que tiveram como objetivo triar os participantes com Ansiedade Social.

Entrevista individual semiestruturada - Esta etapa da pesquisa pretendeu verificar se os adultos com ansiedade social triados apresentaram relatos de bullying na escola. Os usuários com escores positivos para Fobia Social na escalas utilizadas foram submetidos a duas entrevistas individuais, com o mesmo roteiro semiestruturado, que procuraram identificar o relato de histórico de bullying na infância e adolescência e correlacioná-los com dificuldades de socialização atuais. Para análise dos dados desta pesquisa, foi

utilizada a técnica de análise de conteúdo (AC), que se caracteriza por ser uma forma sistematizada e de rigor metodológico de análise de textos e entrevistas (Bardin, 2010).

Resultados

Os resultados da pesquisa giram em torno do objetivo de descrever o relatos das experiências de bullying na escola, os tipos de violência vivida e as lembranças ruins deste período, descrição baseada na visão dos participantes. Para isso, iniciamos uma análise sistematizada dos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas, após transcrição integral e leitura exaustiva.

Características da violência/vitimização vivida na escola

No início de cada entrevista os participantes foram solicitados a lembrar do período escolar de uma maneira geral e dos episódios marcantes ali ocorridos. Posteriormente foram perguntados se já tinham visto algum comportamento de violência na escola. Todos os quinze participantes da pesquisa afirmaram que se lembrava de episódios de violência escolar. Esse dado foi confirmado na segunda entrevista. Nas duas entrevistas de cada entrevistado foram citados atos de violência de professores, de diretores, assim como episódios isolados entre os colegas, além dos exemplos de violência continuada, interesse da pesquisa.

Quando perguntados sobre situações em que foram empurrados, maltratados, isolados, que sentiram medo ou que alguém falou mal, de forma continuada e frequente, na primeira entrevista onze participantes responderam que haviam sofrido experiência semelhante na escola. Na segunda entrevista, o número de participantes que afirmaram ter sofrido violência continuada na escola subiu para doze. Solicitados a relatarem sobre a forma\maneira como a violência ocorreu, eles evocaram a ocorrência de apelidos, que foi a forma mais constante citada. Além dos apelidos, os participantes exemplificaram outros tipos de comportamento que tipificam o Bullying: comportamento de isolamento ou exclusão; deboche, zombaria e risos; violência física, ameaça. Destaca-se nas duas entrevistas o número alto de relatos sobre apelidos, a grande ocorrência de relatos de exclusão ou isolamento, comportamentos de deboche ou zombaria.

Quando perguntados sobre o tempo de duração dos episódios de vitimização escolar, na primeira entrevista oito participantes citaram que ocorreu em todo o período escolar,

enquanto na segunda entrevista, dez pessoas citaram que sofreram as experiências de vitimização durante todo o período escolar.

Em relação às perguntas sobre o local onde ocorriam os episódios de violência na escola, na primeira entrevista nove participantes citaram a sala de aula, seis o recreio, dois depois da aula e um antes da aula, sugerindo que os eventos ocorriam em mais de um lugar. Já na segunda entrevista, dez participantes citaram a sala de aula como o local de ocorrência da violência, seis citaram o recreio e dois participantes mencionaram ter sofrido violência em todos os lugares da escola. A sala de aula foi o local de ocorrência de violência mais citado nas duas entrevistas.

Questionados sobre se haviam contado a alguém sobre os episódios de violência sofrida, na primeira entrevista sete participantes disseram que não contaram para ninguém, enquanto dois contaram para a mãe e dois para a professora. Na segunda entrevistas, dez participantes afirmaram não ter contado a ninguém sobre a ocorrência de violência na escola, um participante contou para a mãe e um para a professora. A tabela 1 mostra os dados relativos às características da vitimização sofrida na escola.

Tabela 1: Características da vitimização escolar

Características da vitimização escolar	
Entrevista 1	Entrevista 2
Viu comportamento de violência escolar?	
Sim (15 pessoas)	Sim (15 pessoas)
E com você, alguma vez alguém o empurrou, falou mal de você, maltratou você, fez com que você sentisse medo ou isolado, de forma continuada e frequente?	
Sim (11 pessoas)	Sim (12 pessoas)
Forma como isso aconteceu:	
Apelidos (11), Isolamento-exclusão (7), Debochar-zombar-rir (6) Violência física (4), Ameaça (2), Reagia (3), Coação para usar drogas (1)	Apelidos (11), Isolamento/exclusão(5), Zombar/debochar/rir (4), Humilhação(3), Violência física(2), Coação para usar drogas (1), Implicância (1), Reagia (1)
Tempo de duração dos eventos:	
Todo o período da escola (8), 3 meses (1), 6 série (1), Ginásio (1)	Todo o período da escola (10), 6 série (1), Ginásio (1)
Lugar onde os eventos aconteceram:	
Sala de aula (9), Recreio (6), Depois da aula (2), Antes da aula (1).	Sala de aula (10), Recreio (6), Todos os lugares (2).
Contou a alguém?	
Não (7) Sim (4) – Mãe (2), Professora (2)	Não (10) Sim (2) – Mãe (1), Professora (1)

Conclusão

No que concerne à violência familiar ou doméstica enquanto fator de risco para o bullying, constatou-se que é de suma importância conceber o fenómeno da violência na família como um fator de risco para o desencadeamento de bullying na escola, pois se no lar não houver um ambiente harmonioso de convivência e integração, mas sim de conflitos e agressões, a família deixa de ser considerada um fator de proteção e de segurança necessárias ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, e torna-se incapaz de favorecer condutas pró-sociais tanto na comunidade, quanto na escola (Barbosa, Santos, Rodrigues, Furtado & Brito, 2011).

Em referência à temática investigada pela pesquisa bibliométrica, verificou-se que existem poucos trabalhos que se dedicam ao estudo da correlação entre bullying e ansiedade social na adolescência. Isso indica dificuldades para desenvolvimento do conhecimento acerca do tema, embora haja gradual aumento no interesse pela temática nos últimos anos, o que demonstra a preocupação dos pesquisadores com os prejuízos em longo prazo que os transtornos podem causar.

Por fim, a respeito do estudo sobre *Bullying na Escola: relatos retrospectivos de pacientes ansiosos sociais*, as expressões mais frequentes estavam relacionadas a sentimentos de exclusão, isolamento, apelidos, humilhações e rejeição. Os respondentes destacaram na descrição vivida na escola uma percepção de consequências a longo prazo, apontando situações similares na família e no trabalho. As dificuldades de socialização na escola perduraram e foram também observadas nos relatos dos participantes em relação às suas dificuldades no trabalho. Muitos relataram episódios de perseguição, humilhação e isolamento no ambiente laboral.

Referências

- Baldry, A. C. (2003). Bullying in schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse & Neglect*, 27, 713-732.
- Bandura, A., Azzi, R.G., & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Barbosa, A.G.; Santos, A.A.C.; Rodrigues, M.C.; Furtado, A.V. & Brito, N.M. (2011). Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. *Psico*, 42 (2), 228-235.
- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70.
- Barlow, D.H. (1999). *Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos*. 2ªed. Porto Alegre: Artmed.
- Binsfeld, A. R. & Lisboa, C. S. M. (2010). Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona*, 4(1), 74-105.

- Bond, L., Carlin, J.B., Thomas, L., Rubin, K. & Patton, G. (2001) Does bullying cause emotional problems? A prospective study of young teenagers. *BMJ*, Sep 1;323(7311):480-4.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2001). *Doenças relacionadas ao trabalho; manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2005). *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Craig, W. M. (1998). The relationship among Bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children. *Perso. Individ.Diff.*, 24 (1), 123-130.
- DSM-IV, (2005).
- Gauer, G. J. C., Zogbi, H., Beidel, D. C., & Rodriguez, J. O. (2006). Fobia social na infância e adolescência: Aspectos clínicos e de avaliação psicométrica. *Psico.*, 37 (3), 263-269.
- Gonçalves, L. A. O., & Sposito, M. P. (2002). Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 115, 101-138.
- Kim, Y.S., Leventhal B.L., Koh, Y.J., Hubbard A. & Boyce W.T. (2006) School bullying and youth violence: causes or consequences of psychopathologic behavior? *Arch Gen Psychiatry*, 63(9):1035-41.
- Liebowitz, M. R. (2003). Guidelines for using the Liebowitz Social Anxiety. Version dated 5 June 2003. New York: New York State Psychiatric Institute.
- Lopes Neto, A., & Saavedra, L. H. (2003). *Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Lourenço, L. M., Pereira, B., Paiva, D. P., & Gebara, C.A. (2009). Gestão Educacional e o Bullying: um estudo em escolas portuguesas. *Interações*, 13, 208-228.
- McCabe, R. E., Miller, J. L., Laugesen, N., Antony, M. M., & Young, L. (2010). The Relationship between anxiety disorders in adults and recalled childhood teasing. *Journal of Anxiety Disorders*, 24, 238-243.
- Minayo, M.C.S. (2006). *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Nardi, A. E. (2000). Complicações e limitações. In: Transtorno de ansiedade social: fobia social – a timidez patológica. Rio de Janeiro: Medsi, 51-57.
- Nutt, D. & Ballenger, J. (2005). *Anxiety Disorders: Panic Disorder and Social Anxiety Disorder*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Olweus, D. (1991). Bully/victim problems among school children: Basic facts and effects of a school based intervention program. In D. Pepler & K. Rubin (Eds.), *The and treatment of childhood aggression* (pp. 411-448). Hillsdale: Erlbaum.
- Olweus, D., (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Organização Panamericana da Saúde (OPAS) (1994). *Violência y salud: resolución no XIX*. Washington.
- Pereira, B. (2008). Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. 363p.
- Pereira, B., Nunes, B., Lourenço, L., Silva, M. I.; Santos, M.; Costa, P. & Pereira, V. (2009). Relatório do projecto de diagnóstico e intervenção sobre o Bullying nas escolas de Bragança. Universidade do Minho, Portugal
- Pinheiro, F. M. F., & Williams, L. C. A. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 995-1018.
- Sanchez, R. N. & Minayo, M. C. S. (2006). Violência contra Crianças e Adolescentes: Questão histórica, social e saúde. In C. A. Lima (Ed.), *Violência faz mal à saúde: série B – textos básicos de saúde* (pp.29-38). Brasília: Ministério da Saúde.
- Sani, A. I. (2008). Crianças expostas à violência interpaparental. In C. Machado & R. A. Gonçalves(Orgs.). *Violência e vítimas de crimes: crianças* (pp. 95-127). Portugal: Quarteto.
- Senra, L.X.; Lourenço, L. M. ; Pereira, M. B. O. (2011). Características da relação entre violência doméstica e bullying: revisão sistemática da literatura. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4 (2), 297-309.

- Smith, P., & Sharp, S. (1994). *Scholl bullying: insights and perspectives*. London; New york – Routledge.
- Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. A. (2010). Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em Psicologia*, 18(1), 45-55.
- Stelko-Pereira, A.C.; Williams, L.C.A. (2012). Dando voz a estudantes de escolas públicas sobre situações de violência escolar. L.F. Habigzang.F. & S. H. Koller – Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática. Porto Alegre, Artmed, pp. 203-218.
- Terra, M. B. (2005). *Fobia Social e Alcoolismo: um estudo da comorbidade*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.